

Estamos aqui a assinalar a partida de um parente e de um amigo comum. O José Luís Saldanha Sanches teve o dom raro de marcar a vida de muita gente com a sua energia, com a sua criatividade, com a sua irónica irreverência, com a sua independência, com o seu carinho: uma pequena família e uma multidão de amigos podem testemunhá-lo.

Ele representa, para aqueles que aqui o acompanham e para aqueles que aqui estão em espírito, mas também para a sociedade em que viveu e para o país em geral, um exemplo ímpar de homem livre, de homem combativamente livre, sempre disposto, até ao fim, a pagar o preço integral dessa liberdade, sem olhar a consequências, sem transigir com aquela cobardia acomodada que traz benesses numa sociedade farisaica como ainda o é a nossa; uma sociedade que por isso confunde o mais mercenário servilismo com a celebrada brandura dos costumes.

Ninguém esquecerá o líder militante dos seus verdes anos, o arrebatado e arrebatador paladino de vanguardas ideológicas que a tortura e o calabouço não conseguiram vergar.

Ninguém esquecerá o desassombrado defensor de valores cívicos, empunhando sem temor o estandarte do combate à corrupção, no meio de uma torrente de incompreensões e ameaças de silenciamento da parte dos próprios visados.

Ninguém esquecerá o homem público que, por imperativo de carácter e por profunda repulsa pela auto-vitimização, se recusou a capitalizar o seu passado de anti-fascista e muito menos conferir-lhe a dimensão heróica com que outros procuraram embelezar-se curricularmente para desse modo alcançarem privilégios no regime de Abril.

Ninguém esquecerá o espírito culto, fino, acutilante, irónico, dialéctico, que naturalmente se espalhou para o ensino universitário, deixando obra vasta e inovadora em domínios de grande complexidade técnica e fundas implicações políticas, mobilizando espíritos jovens na senda da descoberta e do rigor, promovendo o intercâmbio e o debate sem doutrinanismos ou dogmatismos – deixando na sua escola, a Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, memórias indeléveis como aluno, como colega, como professor.

Ninguém esquecerá o marido da Maria José e o pai da Laura, dois papéis que ele desempenhou na perfeição. Os amigos não esquecerão o sempre leal e dedicado Zé Luís. As ondas da Ericeira não esquecerão o nadador que com enérgicas braçadas pagava o seu tributo à alegria de viver.

Permitam-me que termine numa nota pessoal. Cheguei tarde ao convívio com o José Luís Saldanha Sanches, muito mais tarde do que muitos dos que aqui o acompanham. Vínhamos de antípodas ideológicos; mas a tolerância e a bonomia dele permitiram que instantaneamente a nossa amizade se abrigasse sob um céu azul que nunca nenhuma nuvem veio perturbar, mesmo quando explorávamos com veemência os limites do nosso antagonismo conceptual.

Quando há dias, traído pelo corpo mas ainda muito presente nas cintilações do seu espírito, ele me pediu, quase em surdina, que lhe redigisse este elogio fúnebre, a primeira frase que me ocorreu foi aquela com que Adam Smith se despediu do seu amigo David Hume, dizendo dele que se "*aproximara tanto da ideia de um homem perfeitamente sábio e virtuoso quanto é permitido pela fragilidade da natureza humana*".

É isso mesmo que penso deste amigo que partiu. É assim que quero lembrá-lo.

Obrigado por todos estes anos. Adeus, Zé Luís.

Fernando Araújo (16.05.2010)